Uma herança, recebe-se: o antigo Egito no Brasil

** Dr. Margaret M. Bakos (PUCRS)*

Jacques Le Goff no seu livro *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval* analisa atitudes de homens dessa época em relação a valores vindos da antiguidade européia, concluindo *(...) uma herança recebe-se não se cria: e essa herança*, *obriga a um esforço, para aceitá-la, para modificá-la ou para rejeitá-la, quer a nível coletivo quer a individual.*

A reflexão de Le Goff lembrou-me as palavras do egiptólogo francês Georges Posener sobre o que ele chamou de um "legado faraônico" literário deixado à humanidade, como segue.[1]

> *O fascínio exercido pelo antigo Egito é responsável por romances modernos que o tomam como sua localização ou dele tomam idéias de empréstimo, adaptando-os a diferentes gêneros de escrita romântica, sentimental, oculta ou de detetive. Isto também é uma forma indireta do legado do Egito...*

Conterrânea de Posener, Cristian Ziegler concorda com a idéia dele no prefácio que faz à obra de Jean Marcel Humbert: "Egyptomania". No seu texto, Ziegler analisou a tradição grega, essencialmente a literária, ensinando que ela se formatou e teve um papel central no contato com o grupo espetacular de textos deixados pelo antigo Egito. Foi através do olhar grego que a literatura do antigo Egito nos chegou. Segundo Ziegler, os gregos eram argutos e muitas vezes apaixonados observadores que viam os antigos Egípcios de fora, como turistas, quase como *jornalistas.*

Já os romanos, entende Ziegler, que governaram o vale do Nilo desde o primeiro século a.C, adiante, o Egito fazia parte de uma experiência diária. Em política e administração, eles confrontavam tudo, e descobriam uma cultura totalmente diferente da sua:

> *um conceito de poder que eventualmente levaria a identificação do imperador com o faraó; crenças e práticas funerárias estrangeiras; um panteão e ritos que eles ridicularizavam e injuriavam, embora achassem sedutores,*

[1] Posener, G.Literatura. In.: HARRIS,J.R. *O legado do antigo Egito.Rio de Janeiro, Imago, 1993, p.231-266*

Entendiam os romanos os significados dos monumentos que chegavam à Itália, vindos do Egito? E, questiona Ziegler: as razões des construções de pirâmides em tumbas romanas, sendo a mais espetacular e ainda existente a de Caius Cestius?

De fato, conclui a autora, embora Roma tenha sido o maior ponto de contato entre Egito e o ocidente,o seu papel foi muito ambíguo: *Roma perpetuou uma certa visão do Egito que se confundiu com a realidade. Sem ligações com as tradições faraônicas e nenhuma familiaridade com a terra ela mesma.*

Essa prática se perpetuou no decorrer do período medieval e renascentista, como explica, a seguir, na mesma obra, Jean Marcel Humbert, que afirma: *De fato, em todos os países do Ocidente, sem exceção têm tentado adaptar a arte Egípcia e fazer uma leitura própria dela.*

Foi apenas em um segundo momento, com a criação da egiptologia e os estudos científicos do século XIX, que se iníciaram com a decifração da escrita por François Champollion, que o Egito começou a ser contado pelos egípcios mesmos,quando sua lingua e, portanto, os registros antigos, a literatura, foram sendo decifrados e lidos pelo mundo todo.

Este texto, sob a ótica da egiptologia, vai falar sobre outro tipo de herança faraônica - não literária - recebida em outro lugar, o Brasil!

O tom da egiptomania no Brasil

Situado tão longe do vale do rio Nilo em que floresceu o Egito antigo, haveria no Brasil edificações, obras artísticas e/ou literárias nele inspiradas? A essa questão, extensa pesquisa, ainda em desenvolvimento, iniciada em 1995, responde que sim! [2]

O legado do Egito antigo, neste país, aparece mais sob a forma das imagens que eles criaram, usadas por diferentes esferas do mundo do trabalho e do social, onde circulam e produzidas quer por pessoas saídas da elite intelectual e econômica quer por gente tosca e/ou despossuída.

Descobrimos ainda que o ritmo e o movimento das criações vem a partir de um imaginário coletivo e/ou da ação individual instalada desde os primórdios da colonização portuguesa neste país, frutos, principalmente, de ensinamentos adquiridos em bancos escolares.

Como ensina Ciro F. Cardoso, também "Com a imagem se faz história",assim, como se fossem documentos, fomos recolhendo traços/imagens da herança faraônica que iam nos chegando pela pesquisa própria, do grupo, e/ou por informações de populares e acadêmicos.

[2] Os primeiros resultados desta investigação foram publicados, no exterior, em uma coleção de oito volumes, editadas por Peter Ucko (2004), diretor do Instituto de Arqueologia do University College, intitulada *Encounters with Ancient Egypt*, no volume coordenado por Jean Marcel Humbert e Clifford Price, sob o nome de:>*Imhotep Today: egypianizing architecture* e, no Brasil *Egiptomania*: o Egito no Brasil (2004), publicado pela Contexto; ambas as publicações apresentam novas visões sobre o antigo Egito no mundo e no Brasil.

O exame dos dados demonstrou, como ensina Hanna Arendt, que há várias formas da pluralidade humana nas maneiras de se estar juntos *com outros homens em outras épocas, de onde surge a ação que leva à escolhas de objetos, assertivas de um passado distante o que caracteriza, com relação à herança egípcia, práticas de egiptofilia e/ou de .egiptomania.*

O primeiro, a "egiptofilia": trata-se do gosto desenvolvido pelo exotismo e pela posse de objetos relativos ao Egito antigo. Por exemplo, uma pessoa produz o busto da rainha Nefertiti, em gesso, bronze ou qualquer material. Algum compra e decora a sua casa com o busto. Outra pessoa pode sair por aí, exibindo um anel de ouro com uma imagem de um escaravelho azul de turquesa. Os dois procedimentos são de cunho da egiptofilia. As pessoas simplesmente gostam das peças, sem se interessar por saber exatamente sobre o papel de destaque na história, Egípcia da bela rainha, que foi grande do ponto de vista político, religioso e marco fundamental na História de Gênero. O mesmo, com relação ao significado mítico do inseto - o de renascimento - para a religião mitológicas. O sujeito usa os objetos, simplesmente, pela beleza deles ou pelos materiais preciosos em que eles são reproduzidos. Éssa prática é gerada pelo impulso de dar ou receber um prazer visual, sensorial e exótico;

A "egiptomania", que é um termo cunhado no século XIX é uma prática bem mais antiga que a egiptofilia, mas sofreu um grande impulso no período ptolomaico e romano. Vejamos como começou a egiptomania no ocidente através do uso dos obeliscos: Augusto, o Imperador romano, foi o primeiro a trazer para o ocidente, um monumento.

É importante saber que Augusto, foi precedido em 700 anos, nessa façanha, por um monarca oriental. Conta a tradição que Assurbanipal assinalou sua conquista do Egito levando para a Assíria um obelisco. O que há em comum entre os dois monarcas é que ambos perceberam a importância do monumento, o qual foi, mais tarde, considerado, por Jacques Le Goff como primeiro suporte da memória histórica[3]. Assim, os dois reis fizeram uma primeira grande obra de transculturação ou seja o re-uso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribuiu novos significados. Importa hoje pensar sobre a recepção das pessoas em Roma e na Assíria sobre os obeliscos à época. Hoje, mais do que símbolo de poder, se erege um obelisco como guardião de uma memória [4].

E o que, atualmente, explica a imagem de um elemento do antigo Egito fora do seu lugar original? Vamos ver, por exemplo, o caso de um *paddle* (descansa mouse), com o formato e a imagem da pedra de Rosetta, uma pedra que contém o decreto do Faraó Ptolomeu.

A pedra tem valor venal, mas ela também alardeia e perpetua fatos, valores, pessoas e atitudes tomadas no antigo Egito na memória do consumidor/ receptor individual, que se

[3] Ver fabulosa pesquisa sobre os obeliscos no Brasil defendida como dissertação de Mestrado na PUCRS por Márcia
[4] Ver BAKOS.

multiplica à comunidade que entra em contato com ele. Colecionar objetos é fazer um museu particular de memórias.

Vamos entender essa egiptomania? Em primeiro lugar, trata-se de um fascinante exemplo de criação transcultural[5]: uma reprodução perfeita do monumento egípcio[6], porém em tamanho reduzido e material moderno, pois é emborrachada. Está à disposição dos visitantes do Museu. A peça é ainda um material útil, para o uso do computador e didático, pois informa sobre um fato histórico de grande importância. Nesse último sentido, pode-se afirmar até que a egiptomania está serviço da egiptologia. [7]

Imagens faraônicas no Brasil

Segundo Jean-Marcel Humbert[8], a pirâmide é a imagem, no mundo, mais usada pelas práticas de egiptomania; a segunda, é o obelisco[9], sendo a terceira a esfinge, com o "nemes", toucado de origem egípcia. A egiptomania refere-se a uma prática muito antiga, mas esse termo aparece na Europa apenas no decorrer da primeira guerra mundial.

A história da egiptologia iniciou no Brasil no século XIX, com D. Pedro I, que comprou as primeiras peças da coleção egípcia do Museu Nacional, considerada, pelos especialistas, como a mais importante da América do Sul. As origens da egiptomania datam desse período e possuem também, entre os seus principais membros, um monarca: o Imperador D. Pedro II, profundo estudioso de história universal, versado em hebraico e árabe, que foi produtor e sujeito de práticas de egiptomania.[10]

Entretanto o histórico da egiptomania no Brasil é menos conhecido. Poucos sabem que as primeiras e mais bonitas obras arquitetônicas com elementos do antigo Egito foram construídas neste país por iniciativa da família real portuguesa quando, em finais do século XVIII, o Rio de Janeiro começou a se firmar como o principal porto da colônia portuguesa americana e capital do Vice-reinado.

---

[5] Conceito...

[6] Se encontra em uma vitrine de vidro no Museu Britânico

[7] Para o estudioso do tema, essa egiptomania evidencia questões teóricas profundas: a repetição pura não existe, mesmo no modelo da continuidade, no qual, segundo Bouchard (2000) a coletividade tem a tendência a 'reproduzir' de modo idêntico' há transgressão e desvi, no caso a substituição da pedra pela borracha, ação do produtor da peça. Em outro ângulo, o positivo e o dinêmico nesta criação fica, então, por conta do aspecto prático do ato: a aquisição e/ou exibição desse paddle, certamente, revela e concretiza um grau apreço pelo Egito antigo, o que se constituiu, como já se referiu na egiptofilia, pelos consumidores.

[8] Autor de uma centena de textos sobre Egiptomania e autoridade reconhecida internacionalmente na área.

[9] Augustus foi o primeiro a trazer dois enormes obeliscos, um para server de gnomon for um colossal relógio de sol instalado no Campus Martius, o outro um *spina* central no Circus Maximu, ambos simbolizando o poder do governante.ZIEGLER, 1970,19)

[10] Ver BAKOS,M *Egiptomania. O Egito no Brasil*. Contexto:São Paulo, 2004. p.26

Parafraseando Champollion, quando ele diz que a rota da egiptologia passa pela Itália[11], podemos dizer que os primeiros exemplos de egiptomania, através da construção de prédios com elementos do antigo Egito brasileiros, foram aqui construídos por encomenda da Coroa Portuguesa. Em meados do século XVIII, o Rio de Janeiro começou a se firmar como o principal porto da colônia portuguesa americana e capital do Vice-Reinado. Diante da expressão adquirida pela cidade aos olhos da Coroa, foi elaborado um programa de urbanização do Rio de Janeiro, tendo como modelo Lisboa. O projeto de cunho iluminista iniciou-se com a criação de um local de lazer no Rio de Janeiro: o passeio público construído a partir de 1779 e inaugurado em 1783.

Nesse contexto, em 1786, foi construído o chafariz da pirâmide, no Largo do Paço, com a dupla função de prover de água aos navios e à população. Ele fundiu em um só corpo o reservatório e o chafariz, unindo o fazer artístico ao utilitário, característico do pensamento iluminista e também de muitas práticas de egiptomania européias.

A segunda 'descoberta' no Rio de Janeiro trata-se do Chafariz das saracuras, construído, em 1748, que visava a abastecer de água o Convento da Ajuda, de propriedade das freiras Clarissas. O monumento é todo lavrado em granito escuro, com detalhes funcionais e ornamentais em bronze. A planta do chafariz obedece, em princípio, a forma arredondada, em círculos concêntricos, com quatro tanques que se alternam em relação com as quatro escadarias que, através de quatro degraus, levam ao último patamar. Ao centro ergue-se uma taça, que serve de pedestal para um obelisco. Ela valoriza o sentido ascendente piramidal que os pontos de intersecção entre o tanque e a escadaria formam com o vértice do obelisco, e a apropriação do monumento monolítico da arquitetura religiosa dos antigos egípcios.[12]

Existe no Brasil ao menos uma centena de obeliscos, mas nenhum é original do Egito antigo! Após listar os obeliscos, a busca por práticas de egiptomania no Brasil partiu em busca de prédios com elementos egípcios neste país? As primeiras respostas aos questionamentos vieram de amigos, colegas e vizinhos de construções exóticas. Assim 'descobrimos' a *Casa egípcia*[13], no Rio de Janeiro, a residência de Valinhos, em São Paulo, a residência em forma de pirâmide em Pelotas, uma floricultura em Santa Catarina, nessa forma, bem como uma academia e hotel Pirâmide, em Rio Grande do Norte, entre vários outros exemplos.

Muitas pessoas de talento contribuíram para a difusão da arte e dos símbolos do antigo Egito, desde a antiguidade até a atualidade no Merece um destaque os mentores e artistas que decoraram a sala egípcia da Biblioteca Estadual do Rio Grande do Sul.

Quem passa pela frente do atual prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, à Rua Riachuelo, esquina da rua General Câmara, em Porto Alegre,

[11] ZIEGLER, C.Egyptomania.*Histoire &cultures*.N° 3 – 1993, p.19.
[12] Ver imagem no livro...
[13] no Laboratório de História Antiga da UFRJ – LHIA , nos idos de 1995, pelo historiador André Chevitarese

construído no primeiro quartel do XIX, nem desconfia das decorações egípcias nas salas da tradicional Instituição gaúcha.

Na fachada, o edifício mostra a forte influência do positivismo no Rio Grande do Sul, através das imagens do calendário de Auguste Comte, filósofo apreciado pela burguesia nascente rio-grandense, para escora de um elaborado planejamento político, econômico e social adotado pelo governo do Estado, ao longo de quarenta anos.

Pela sua importância cultural o prédio precisou ser aumentado, na década de vinte, e como resultado foram construídas uma série de salas temáticas por hábeis pintores, entre eles um mestre local, Fernando Schlatter. Uma das peças foi denominada, à época, de Egípcia - e se destinava ao uso do seu Diretor.[14] Não se conhece nenhum desenho preparatório para a pintura dessa sala que possa esclarecer sobre as razões de escolha dos elementos usados na decoração, exceto a preocupação estética. Isso se deduz pela existência, na Biblioteca, de um livro com desenhos muito coloridos e decorativos que pertencia ao pintor[15], em que ele, provavelmente, se inspirou para a criação das figuras que decoram as paredes e os tetos não apenas desta sala, mas de todo o prédio.

Na sala do Diretor, de formato retangular, há muitas aberturas, e as paredes generosamente decoradas estão pintadas com vários motivos. Na parede à direita de quem entra pelo vestíbulo do elevador, chama imediatamente atenção a imagem grotesca de uma cabeça frontal de carneiro, inserida em um medalhão, encimado por duas cabeças de serpentes aladas, com as bocarras escancaradas, cujas presas pontudas à mostra completam a feição monstruosa da víbora. Essa composição exótica utiliza de elementos decorativos egípcios e greco-romanos.[16]

Outra imagem impressionante, presente na decoração das paredes nessa sala, é a representação de uma figura feminina, que leva um facho na mão. Á semelhança da pintura masculina, na parede lateral do vestíbulo do elevador, porta o mesmo toucado do tipo egípcio – o nemes. Esta, na sala da Direção, se encontra sentada sobre uma esfinge agachada, que porta um tipo semelhante de orlado. A esfinge está rodeada por duas serpentes monstruosas, agressivas, e repelentes como as descritas anteriormente.

Destaca-se na sala o friso pintado sobre duas aberturas: a janela que dá para o pequeno pátio interno, no térreo, e a porta que conduz para a sala dos professores. A barra nos tons azul, vermelho e amarelo apresenta imagens de escaravelhos. O inseto, como é sabido, é quase um sinônimo para o Egito antigo.[17]

---

[14] Ver cap. De CLEMENTE, E.& BAKOS, M.

[15] Dolmetsch, H. 1889. Der Ornamentenschatz: ein Musterbuch Stilvoller Ornamente aus allen Kunstepochen. 85 Tafeln mit 1200 meist farbigen Abbildungen Erläuterndem. Stuttgard: Verlag Von Julius Hoffmann.

[16] O conjunto evoca uma tendência da produção artística característica de mestres da Renascença italiana. Ver: ARGAN,G.1992:143.

[17] A escolha do besouro para convenção de uma das formas do deus sol revela, segundo Hart, a maestria dos Egípcios na observação da natureza e a sua imaginação ao tentar entender o universo. O deus-sol na alvorada é, assim, representado, na iconografia, pelo escaravelho devido a observação dos egípcios sobre o hábito

Chama atenção ainda na pintura do teto a presença de quatro urubus[18] policrômicos.[19] A localização dessas imagens pode tornar-se significativa, se entendermos, como salienta Starn[20], a importância do ato físico de olhar para o alto: ele causa a produção de um contraste entre um "mundo" e outro, na imaginação do observador. Na sala da Diretoria da Biblioteca, de fato, sente-se de forma marcante a diferença que essa atitude de observação produz, no visitante. Ele se nota fascinado e surpreso entre um ambiente, característico dos finais do XIX e inícios do XX, formado pelo conjunto de móveis pesados e sisudos, e as figuras míticas faraônicas, que pairam acima de todo o espaço abaixo. Enquanto a parte inferior define uma área de atividade pública, prática, premeditada e, sobretudo, masculina, a pintura do teto remete a um imaginário distante desse contexto pelos valores simbólicos em movimento escolhidos e pelo contraste causado pelas cores vibrantes, diferentes dos tons escuros do mobiliário pesado e sólido.

As representações no teto da Biblioteca Pública mostram abutres com as asas abertas, em ângulo, na atitude de agitação. Na moldura dos cantos do teto, há enfeites de gesso branco, que delimitam as pinturas de outros elementos decorativos, alguns de origem egípcia, como as flores de lótus.

É importante valorizar a presença dessa planta na decoração, pelo significado que possui na sociedade egípcia. O lírio da água, seu apelido, fecha à noite e submerge na água – para levantar e abrir novamente na alvorada. Este fato a torna, à semelhança do escaravelho, um símbolo natural do sol e do ato de criação para os Egípcios antigos. É preciso apontar, ainda, na sala da Direção, para os frisos com imagens do sol, adornadas

---

desse inseto de rolar suas fezes até formar uma bola, da qual emergem outros escaravelhos, aparentemente de forma espontânea. HART, 1987:108.

[18] Olhando para cima, os olhos do observador logo são atraídos para as figuras de urubus pintadas nos cantos da peça. Eles estão representados em poses diferentes das convencionais, na arte Egípcia, que costumava mostrar a ave basicamente em quatro posições e rígidas: de pé, com as asas fechadas e/ou abertas para proteger figuras ou símbolos; voando; de perfil, como quando protege o rei; ou vista debaixo, como é comum nos tetos dos templos e nos santuários

[19] Há, no mínimo, cinco diferentes tipos de abutres (urubus) no antigo Egito. O mais conhecido é o *abutre egípcio* cuja imagem era usada como a letra "a " na escrita hieroglífica. Um pássaro maior parecendo um animal fabuloso, o grifo, é o mais comum nas representações da arte Egípcia. Esse urubu está associado com inúmeras divindades femininas, especialmente Nekbet da cidade de El-Kab no Alto Egito. Quando esse local se torna proeminente no antigo Egito, Nekbet assume o papel de uma deusa nacional e o urubu se torna uma figura heráldica. O pássaro simboliza o deus nacional do Alto Egito – Nekhbet – e se tornou um símbolo real na coroa do governante juntamente com o Uraeus. Conhecidos pelo nome de Vulture, os abutres eram animais sagrados da deusa de Tebas – Mut -, símbolos dos princípios femininos em oposição ao escaravelho, que representa os masculinos.

[20] STARN, R.(1992:284)

por elementos decorativos próprios daquela civilização. O astro rei era o mais importante elemento da religião Egípcia e o mais usado dos símbolos naquela arte.[21]

Na sala ainda se encontram duas representações de esfinge: uma figura pintada na parede (trompe l'oeil) e uma escultura de esfinge com seios, em pedra grés,[22] de uma esfinge feminina, com seios, portando um nemes, o toucado egípcio, em versão muito particular, estilizada. É possível que a autoria dessa obra, que não está especificada na imagem, seja de algum dos escultores,[23] que assessoravam Victor Silva, o diretor, e Schalter, o pintor, nas obras de reforma do prédio. O interessante nas esfinges, da.

É lugar comum que A *esfingemania,* de origem estritamente egípcia, ou seja, das esfinges que portam o *nemes,* não chame a atenção da história da arte, segundo o especialista em egiptomania Jean Marcel Humbert, mas essa imagem, junto com a pirâmide e os obeliscos, constituem os maiores símbolos do Egito antigo e da prática da egiptomania, informa o mesmo autor. Ele ainda explica que a esfinge ocupa uma posição especial na história da sobrevivência do imaginário do antigo Egito, porque é o único elemento que permaneceu em uso ininterrupto no mundo ocidental e gerou uma multitude de interpretações, com uma liberdade muito grande para criação.

Charges sobre Cleópatra

Entre os temas do antigo Egito presentes em todas as artes do ocidente, sem dúvida, a vida de Cleópatra VII, tem sido um dos mais permanentes. Coquete ou agonizante, ela inspirou pintores, escultores, cineastas e apareceu em revistas e publicações de todo tipo, até mesmo em charges. O segredo dessa permanência é o eco profundo da sedução, ancorado no inconsciente coletivo ocidental, que a rainha exerceu, sobre um grande público.

Salienta-se, da Revista do Globo, a mais importante do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX, e de circulação nacional, duas representações de caráter cômico da rainha Egípcia sobre dois episódios de sua vida: seus casos de amor com os políticos romanos e o seu suicídio.

O criador das tiras é o artista gaúcho SamPaulo – respeitado profissional, sensível, criterioso e criativo. SamPaulo tornou suas charges, um veículo poderoso de comunicação, capaz de chamar a atenção de um grande e heterogêneo público, sobre qualquer tema. O artista sublinhou e reproduziu, com criatividade episódios da vida da rainha egípcia. Produziu, do ponto de vista cultural, uma informação histórica e ainda uma prática inusitada de egiptomania burlesca.

---

[21] O sol parece ter sido primeiro venerado como o deus Horus, depois como Re (e a combinação Horus-Re) e mais tarde como Amun-Re. Com todos esses deuses, ele foi cultuado ao longo de toda a história do Egito.

[22] JARDIM,1982:22

[23] Parreira e Theophilo de Barros são os escultores dos mármores e bronzes mencionados por Vitor Silva.

O pastor egípcio

O título acima evoca o nome de uma belíssima pintura de Honório Esteves do Sacramento (1860-1933), um dos mais importantes artistas brasileiros do século XIX, que ilustra de forma magistral uma obra arte egípcia neste país.

O quadro de Honório Esteves artista admirado pelo caráter acadêmico de suas criações e pela preocupação e sensibilidade de registrar cenas do cotidiano em Minas Gerais, em de pinturas à óleo, em pastel, e em desenhos com carvão foi achada de forma bem casual. Ela destacava-se, pela imponência, em uma sala da Exposição Brasil Quinhentos Anos, em 2000, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Apesar da importância do seu autor essa pintura era, até então, pouco divulgada no país. Na busca pela história dessa prática foi fundamental ouvir colegas, amigos e o público em geral sobre a existência de prédios e/ou outras formas de criações com traços egípcíacos no Brasil. Por essa razão, na descrição e análise dos raros casos achados de utilização de elementos Egípcios na arquitetura e arte moderna brasileiras, narra-se também a forma como ocorreram essas ***descobertas.***

Filho de um carpinteiro, Honório manteve, em sua magnífica produção artística, traços reveladores de uma formação profissional regrada, austera, pautada pela humildade, religiosidade e gosto pelas tradições locais. Com a idade de onze anos, ele começou a aprender arte e desenho em Ouro Preto e, em 1880, ele teve a oportunidade de visitar o Rio de Janeiro pela primeira vez. Quatro anos mais tarde, por especial indicação de D. Pedro II, Honório foi morar na capital do Império, onde estudou sob a orientação de mestres famosos como Pedro Américo e Victor Meirelles.

O talento de Honório Esteves foi logo reconhecido pela Academia Imperial de Belas Artes e ele recebeu diversos prêmios. Enquanto vivia no Rio de Janeiro, o mineiro pintou o seu "Pastor Egípcio" que tem por figura central um homem negro sentado, adornado com elementos de origem egípcia, mas inserido em um entorno nativo: banco e estrado de madeira, móveis de ambiente assemelhado ao de um casebre. O ***nemes***, do pastor, um barrete no estilo usado no Egito antigo, é apresentado em uma interpretação de Honório: nas cores dourada e laranja. A ponta longa do barrete desce pelas costas do personagem. Uma tanga também em estilo oriental, colorida e farta, e um cajado, seguro da mesma forma que os egípcios antigos portavam, embora o formato na ponta seja omitido pelo pintor, caracterizam a ligação entre o pastor e o período da história antiga egípcia. Não obstante, a face do homem, com os olhos semicerrados e as sobrancelhas escondidas sob o gorro fogem dos cânones egípcios de registro da figura humana. Inclusive o caixote onde ele está sentado e o pano de fundo do cenário apresentam o contexto contemporâneo e brasileiro do protagonista da cena.

Como entender a presença de elementos relativos ao Egito antigo em um pintor brasileiro do século XIX?

Para isso é importante informar que, entre 1870 e 1920, muitos pintores ocidentais estiveram impressionados pela arte egípcia, através principalmente das obras de um Mestre da Pintura, holandês na origem, e famoso no Reino Unido: Sir Lawrence Alma – Tadema (1836-1912). É possível que ele tenha influenciado pintores no Brasil também, como ocorreu na Europa e nos Estados Unidos. De fato, para fins deste artigo, as origens da inspiração de Honório Esteves têm pouca importância. Elas podem se encontrar em seus estudos acadêmicos no Brasil e/ou ao longo de seus contatos no exterior, o que conta é o título dessa obra, bem como a postura e os detalhes da indumentária de origens notoriamente orientais do pastor. O protagonista, da tela, mostra-se sisudo, empertigado e altivo, embora situado em um despojado cenário, o que causa um impacto visual através do contraste entre a pose, as vestes e a realidade do pintor e da pintura.

É importante informar que as criações de figuras humanas na egiptomania não tem a menor preocupação de seguir os cânones antigos, tais como vestes, jóias, armas para caracterizar as criaturas como egípcias em atitudes, às vezes completamente diferentes das tradicionais. A partir desse paradigma, os exemplos trazidos para ilustração desta fala podem ser citados como evidência/ilustrações com rara beleza de práticas de egiptomania no Brasil, desde meados do século XIX aos inícios do terceiro milênio. Vamos tentar sob esta ótica, a análise desta pintura à óleo de um ilustre mestre brasileiro do século XIX?

É mister salientar que, além da plasticidade e da beleza dessa criação, que impressionam até hoje, ela ainda se qualifica como um exemplo ímpar de pintura acadêmica sobre tema relativo ao antigo Egito no Brasil. Ela testemunha, com categoria excepcional, a circulação das idéias sobre aquela sociedade no mundo ocidental ao longo do século XIX.

Como pesquisar o imaginário coletivo brasileiro sobre o Egito antigo em um pais de dimensões continentais? Esta investigação partiu de consultas à LISTEL e a Websites[24] e levou ao arrolamento de 235 estabelecimentos que usam o nome/lototipo pirâmide; 25 com o nome dos faraós Queóps, 5 com Miquerinos; 3 com obeliscos; 21 com papiros; 4 com esfinges; 21 com a imagem de Horus; 4 com Anúbis; 6 com Aton; 20 com Ísis; 29 com Osíris; 4 com Saíta; e 4 com a de Tebas.

Enviamos 343 cartas aos proprietários desses estabelecimentos e recolhemos cerca de 10% de respostas dos dirigentes de empresas bem sucedidas. Eles informaram que utilizaram elementos da antigüidade egípcia nos seus logotipos/nomes, a partir do conhecimento dos seus significados originais. Expressivo número de empresários, com raras exceções, fizeram ainda uma ligação com a significação mágica entre o sucesso dos seus negócios e a carga positiva dos nomes e/ou dos símbolos utilizados na sua representação. Em algumas entrevistas, o processo da escolha dos nomes foi explicado com simplicidade; em outras, ele partiu de um raciocínio formado em base de informações

[24] A pesquisa foi feita pela Internet. A primeira busca, tendo como palavra chave ***pirâmide*** usou o site da '102 eb' e depois o da Listel. CHECHELSKI, M. Relatório parcial de pesquisa. CNPq, 2002

históricas sobre o Egito antigo, adquirido, em geral, na escola, mas também no contato com familiares e na literatura especializada, buscada pela iniciativa pessoal dos empresários.

Os publicitários e/ou os donos dos estabelecimentos e produtos que escolheram elementos egípcios na divulgação de negócios, no país, fizeram, na maioria dos casos, uma escolha refletida. Eles buscaram nos símbolos egípcios a essência do seu significado - força, a solidez, a permanência, a beleza e a magia - e apostaram na ajuda que aqueles trariam no sucesso dos empreendimentos pela associação bem articulada entre elas e o negócio, produto e/ou atividade.

As figuras das esfinges e das pirâmides, por exemplo, foram apontadas como símbolos que remetem à solidez, grandeza, durabilidade, ascensão, sabedoria, perfeição, segurança, força, fascínio, proteção, sedução, magia, energia positiva, mistério e popularidade. Que outros atributos podem ser mais importantes na criação da credibilidade de uma indústria da construção civil, por exemplo? Pela ênfase nessa apropriação, destaca-se a indústria da construção civil que, além do apelido da empresa, costuma chamar os edifícios erguidos pelo nome dos faraós ou de outros elementos originários daquela civilização.

Um dos primeiros exemplos de propaganda, em quadrinhos, mostra o cozinheiro ***Gostofino***, figura criada para difusão da marca Peixe, indústria de produtos alimentícios brasileira. O cenário mostra uma imagem da esfinge, símbolo da sabedoria, e o texto conta a seguinte história. Foi no Egito que ***Gostofino*** encontrou o grande professor Sá Bidoff que, há anos, procurava desvendar o segredo da esfinge. Sá Bidoff estava exausto e nada de solucionar o problema. No segundo quadrinho, diz o texto, o genial Gostofino resolveu auxiliar o professor Sá Bidoff. E preparou-lhe um suculento espaguete com o **EXTRATO DE TOMATE MARCA PEIXE .**

No último quadrinho, o professor agradece o cozinheiro e diz: *Com este maravilhoso prato cheguei à conclusão do segredo da Esfinge que é também o segredo da longa vida: comer bem, pratos saudáveis e apetitosos, feitos com* **EXTRATO DE TOMATE MARCA PEIXE.** O discurso completa o que a imagem visa a passar: a relação entre o consumo e os produtos da MARCA PEIXE: A CONQUISTA DA VIDA ETERNA.Segue-se uma receita de peixe ao macarrão com o produto anunciado, que apela para o apetite e o bom gosto dos leitores que, em lugar da secura do deserto egípcio, provoca água na boca e entusiasma o consumo do extrato de tomate.

Nesse sentido, parodiando a Antonia Lant, professora nova iorquina de cinema, pode-se dizer que o *Egito faraônico é um veículo antigo que introduz ao moderno* .

No que tange a presença do Egito em outros aspectos da cultura neste país importa referir os versos do Olodum, que verbaliza a concretude de nossa investigação:

Despertai-vos para a cultura egípcia no Brasil
Em vez de cabelos trançados
Teremos turbantes de Tutankamon
E as cabeças enchem-se de liberdade

Pelos significados de imortalidade, solidez, credibilidade e sabedoria, elementos cotidianos e da arte faraônicos permanecem no imaginário coletivo da humanidade, sendo utilizados de diferentes formas, com ênfase, na publicidade e propaganda de idéias e de produtos.

Quando começamos, em 1995, a pesquisa sobre traços da cultura egípcia antiga no imaginário brasileiro através do levantamento dos obeliscos, obras arquitetônicas, artísticas e nomes de elementos oriundos daquela civilização em publicidades nacionais, encontramos evidências de que esse campo de investigação era virgem e promissor quanto aos resultados a curto prazo. Realmente, ao final desse estágio, sabemos que estávamos corretos. As amostras colhidas demonstram que o imaginário nacional levou a opção, com outras finalidades, por formas de expressão que manifestem técnicas e imaginação de coisas criadas há milênios.

Nesse olhar a egiptomania torna-se um lugar privilegiado - um entre lugar - na expressão de Homi Bhabha[25], para despertar o olhar sobre o outro e agilizar, nesse sentido, o sentimento de pertencimento e comprometimento do homem para com a história planetária. No caso deste artigo para o momento de criação do legado faraônico: as fortes imagens dos obeliscos, das pirâmides e das esfinges que estão presentes no nosso cotidiano. E de lembrar que, se Egito antigo é o lugar, onde se escravizou os hebreus, é uma região importante de um grande continente: o africano – de onde vieram os ancestrais da grande parcela da população brasileira. .

Aproximar e facilitar a compreensão de nossos alunos de pessoas muito diferentes e distantes deles, no tempo e no espaço, é, certamente, uma condição do professor de História, por ofício. A história da humanidade se encontra em registros do cotidiano, fora dos Museus. Ela pode ser vista e sentida nas ruas de uma cidade. Há historicidade[26] nas fachadas dos prédios, moradias e, principalmente, no mobiliário urbano presente nas praças nas avenidas, falando da memória de fundadores e grupos e em práticas de egiptomania! Afinal, historicidade não é apenas uma coisa, como ensina Heller, que acontece conosco, uma mera propensão, na qual nós nos 'metemos' como quem veste uma roupa. *Nós somos historicidade, somos tempo e espaço.*[27] Quanto mais presa está uma pessoa no seu presente menos ela sistematiza a relação entre o passado e o futuro do seres humanos e, principalmente, sobre o seu papel nesse processo,no presente.

Por razões dessa natureza, as heranças culturais do antigo Egito foram recebidas, para alguns pode ser difícil aceitá-las, para outros, motivo de festa e ainda há aqueles que tendem as modificá-la em processos que se dão quer em nível coletivo, quer no individual

[25] BHABHA, H. Seminário com Profa. Dra. Lucia Brito Pereira = PUCRS, 2008.
[26] Hist
[27] HELLER,

Bibliografia

BAKOS, M. (org.) Egiptomania. O Egito no Brasil. São Paulo, Paris, 2004.
BACZKO, B. Imaginação social. In.Enciclopédia Einaudi, n.5. Anthropos, 1986.

FUNARI, R S. O Egito na sala de aula. In. BAKOS, M.M, org. Egiptomania: *o Egito no Brasil. São Paulo: Paris: 2004*

GERMANO,I. & BAKOS, M.Festas, carnaval e Egito antigo.In.: BAKOS, Margaret (org) Egiptomania. O Egito no Brasil. *São Paulo: Paris (Contexto), 2004*

LANT, A. L´Antiquité égyptienne revue par le cinéma.In.: Humbert, J.M. (ed). L'Égyptomanie à l'épreuve de l'archéologie. Paris: Musée du Louvre, 1996

*SANT´ANNA, Denise Propaganda e história: antigos problemas, novas questões.*Pro. História*, São Paulo, (14), fev. 1997*